



Poesia e sociedade nas obras de trovadores medievais galego-portugueses e do poeta romântico português João de Deus

Julia Arduim Soardi*

Resumo: A proposta deste artigo é analisar as semelhanças e diferenças entre trovadores medievais e o poeta romântico João de Deus. Para tanto, abordam-se os aspectos da sociedade à época dos poetas e o panorama da cultura na qual estavam inseridos os membros dessas sociedades, verificando, assim, quais as características das condições sócio-culturais em que eram escritas as suas poesias. Tal abordagem possibilita a percepção de como era formada a sociedade daquela época, assim como a compreensão da maneira que os aspectos sociais influenciam o imaginário daqueles escritores, determinando o conteúdo de seus poemas. São analisadas, portanto, obras de trovadores medievais, mais precisamente cantigas de amigo, de amor e de escárnio, e do poeta João de Deus, inicialmente em separado, para identificar as características sociais encontradas no tema e estrutura de cada uma das obras. Posteriormente, investigam-se semelhanças sociais e temáticas entre os autores objetos da pesquisa, verificando, dessa maneira, quais foram as influências deixadas pelos trovadores medievais nos escritores mais contemporâneos, especificamente o poeta João de Deus. Analisar a trajetória da sociedade através da poesia possibilita a observação do legado deixado por aqueles que construíram a nossa língua portuguesa e o efeito de sua transformação nas sociedades mais atuais, não apenas sob aspecto lingüístico, mas também cultural.

Palavras-chave: Literatura, sociedade, trovadores medievais, Romantismo.

1 Aspectos sócio-culturais

1.1 Trovadores medievais

A sociedade na qual escreviam poetas, trovadores e jograis, é vista muitas vezes somente por sua religiosidade, sendo ignorado o caráter lírico e também crítico da temática de poesias feitas durante esse período. Devemos admitir, portanto, a existência de uma cultura pagã que, apesar de ser reprimida pelo catolicismo, é percebida quando analisados poemas retratando um amor livre e por vezes sensual, um sentimento que, embora doloroso e muitas vezes impossível de ser concretizado, era exaltado pelos trovadores. Essa característica do amor cortês vai de encontro ao amor considerado pecado, como era visto pela Igreja Católica. Quando tratamos do pecado, reportamo-nos à ideia de que o homem era considerado uma criatura dividida entre espírito e carne, sendo o espírito valorizado em detrimento da

* Graduada em Letras (UFRGS).

satisfação dos desejos da carne, tornando o sujeito medieval um ser em conflitos, que não poderia conhecer a sua totalidade.

No entanto, apesar dessa moral imposta pela Igreja, o homem medieval reivindicava os direitos do indivíduo e do amar. Expressou, através de suas cantigas, o desejo que vem de sua natureza, que valoriza o ser humano e aprecia o feminino, que vai contra regras de um sistema patriarcal no qual as ações do indivíduo deviam ser dedicadas a um Deus.

Quando se trata de crítica a esses valores sociais, remete-se às cantigas satíricas, que polemizavam principalmente aspectos que dizem respeito à realeza e à vida religiosa. Cantavam, assim, os trovadores, conflitos entre a realeza e a nobreza, os vícios e costumes sociais daquela época, tratando de temas como “crítica à sociedade ambiciosa a procura de melhorar os seus títulos na nobreza e até pequenos burgueses e vilões que buscam a todo custo enobrecerem-se” (FELDKIRCHER, 2010). As cantigas de escárnio e mal-dizer também satirizavam o amor, mostrando a desenvoltura poética desses trovadores através de figuras de linguagem como a ironia e trocadilhos verbais, explorando, dessa forma, a tentação escarninha de trazer prejuízos à honra alheia.

1.2 João de Deus

Para a compreensão do momento no qual João de Deus escreve sua obra, é preciso remontar a períodos anteriores, buscando as origens desse movimento chamado Romantismo, no qual o poeta é inserido. Já no final da Idade Média, a classe burguesa iniciava sua trajetória ascendente e, no século XVIII, com a Revolução Industrial, encontrou as condições necessárias para tornar-se a classe dominante. A Revolução Francesa, que representou a tomada do poder político pela burguesia, também inspirou os românticos, ao implantar os ideais revolucionários de liberdade e igualdade. Essas revoluções trouxeram ao espírito romântico a crença nas doutrinas liberais da burguesia, proclamando a liberdade de criação e de expressão aos escritores do movimento romântico.

Esses elementos histórico-sociais contribuíram para o aspecto de espontaneidade da obra poética de João de Deus. A sua poesia adquiriu características de leveza, gerando versos com tom de liberdade de criação, que tinha no amor um sentimento que expressa “a ingenuidade e verdade da alma primitiva” e que “foram na língua portuguesa expressas pela graça e frescura das redondilhas populares, em que as locuções do vulgo dão o perfeito equivalente do estado de sentir de uma sociedade patriarcal” (BRAGA, 1905). Assim foram considerados os poemas de João de Deus, uma “efusão do amor e da contemplação mística,

pela naturalidade e profundidade com que acordam o ideal em uma sociedade decadente” (Idem).

Tais características, o poeta exprimiu em seus versos, levando-o a propagar “esse modo de sentir da multidão anônima” (Ibidem). No entanto, não se pode apenas caracterizar o poeta tomando elementos românticos, pois ele também pode ser inserido, analisando-se tanto o período em que viveu como suas poesias, no período realista, ao apresentar questões sobre a vida social, aproximando-se do cotidiano.

João de Deus, assim, relata de maneira lírica seu momento histórico, composto por intensas contradições e tensões político-sociais, pois foi uma época de marginalização da maior parte da população, em especial o proletariado urbano, que não tem acesso aos benefícios do progresso. Esses benefícios, surgidos pelo avanço da ciência e do sistema capitalista, privilegiaram a burguesia dominante, com o uso da eletricidade, sofisticação dos meios de comunicação e locomoção.

2 Características sociais presentes das obras

2.1 Trovadores medievais

Apesar do poder político, moral e religioso exercido pela Igreja durante o período medieval e os dogmas que eram impostos na população a respeito do amor carnal, a sensualidade foi um tema recorrente nas cantigas dos trovadores galego-portugueses:

(...) Mais o que non He e seer poderia,
See fosse assy que a ela vesse
Bem do meu bem, eu (muito) desejaria
Aver o mayor (bem) que aver podesse,
Ca pois a nós ambos hi viinha proveito;
Tal bem desejando, farya dereyto
E sandeu seria quem o nom fizesse.

(DINIS, D., Cantiga de Maestria, In CORREIA, 1978, p. 246)

Essa cantiga de amigo, escrita por D. Dinis, apresenta esse sentimento que pode ser aproveitado em vida, com um corpo que, além de constituído pelo espírito, também é formado pela carne que deseja, que busca viver o amor aqui na Terra. Portanto, o tema da *coita*, do sofrimento pela não correspondência amorosa, apesar de ser uma característica presente em praticamente todas as cantigas de amor, não apaga a vontade do trovador de ter um destino glorioso ao lado dessa mulher amada e cultuada.

(...) Sempr' (a)verá Don Joan de Guilhade,
Mentr'el quiser, amigas, das mias dõas,

Ca já m'end'el muitas deu e mui bõas,
Dês i terrei-lhi sempre lealdade,
Mais El demanda-m' outra torpidade.
(GUILHADE, João. Cantiga d'amigo. In: CORREIA, 1978, p. 128)

Nessa cantiga, de João Garcia de Guilhade, percebe-se não somente a vontade de viver um amor carnal, mas a concretização dessa relação que já se estabeleceu. É valorizado, portanto, a satisfação individual, no que descreve um romance que somente não tem seguimento quanto às ações futuras devido a vontade da *senhor*. Assim, valoriza-se o ser humano, que atua pelo seu próprio bem-estar, e não somente para servir a Deus.

“Fui eu fremosa fazer oraçon,
Non por mha alma, mas que viss' eu i
O meu amigo, e poilo non vi,
Vedes, amigas, se Deus mi perdon
Gran dereit é de lazerar por en
Pois El non veo, nen aver meu bem (...)”
(BAIAN, Afonso Lopez de. In: MAGALHÃES, 1997, p. 14)

A presença de elementos religiosos em cantigas de amigo como na citada antes, de Afonso Lopez de Baian, mostra a influência da Igreja nos tempos medievais. No entanto, a presença de Deus e da oração aqui não é para a purificação da alma e sua elevação, mas para a concretização do amor que faz parte da natureza do ser humano.

Outros fatores presentes nas cantigas quando se trata de amor são os elementos da natureza, que são inseridos para a observação do momento em que o sentimento surge. Assim, podemos perceber no poema a seguir, de João Airas de Santiago, a presença das aves, que voam para entoar o amor:

E as aves que voavan,
Quando saia lálvor,
Todas d'amores cantavam
Pelos ramos d'arredor,
Mais non sei tal qu'i'stevesse
Que em al cuidar podesse
Senon todo em amor(...)
(SANTIAGO, João Airas de. In: CORREIA, 1978, p. 230)

Embora o homem medieval tenha o instinto da busca pelo seu prazer individual, fica clara, ao analisar as cantigas satíricas, como a seguir a cantiga de Gil Pérez Condes, a dificuldade de encontrar essa satisfação, bem como a libertação das condições impostas pela religião quanto pela nobreza que o impedia de amar.

Já eu non ei por quen trobar
E já non ei em coraçom,
Por que non sei já quen amar;
Poren mi míngua razon,
Ca mi filhou Deus mia senhor,

A que filh' o Demo maior
Quantas cousas que suas son (...)
(CONDES, Gil Pérez. Cantiga de Mal Dizer. In: CORREIA, 1978, p. 110)

Assim como os trovadores cantavam as privações no campo amoroso, também criticavam a realeza e cantavam os seus vícios. Essa sátira, como se pode observar na cantiga a seguir composta por Pero da Ponte, demonstra a inimizade entre um segrel e o rei:

Mort' é Don Martin Marcos, ai Deus, se é verdade?
Sei ca se el é morto, morta é torpidade,
Morta e bavequia e morta neiciidade,
Morta é covardia e morta é maldade. (...)
(PONTE, Pero. Cantiga d'Escarnio. In: CORREIA, 1978, p. 92)

Além das sátiras contra reis, havia cantigas que satirizavam o amor cortês, que parodiavam as questões de culto à mulher, como seguinte cantiga de João Garcia de Guilhade:

Ai, dona fea, fostes-vos queixar
Que vos nunca louv' en(o) meu cantar;
Mais ora quero fazer un cantar
Em que vos loarei toda via;
E vedes vos quero loar;
Dona fea, velha e sandia! (...)
(GUILHADE, João Garcia de. Cantiga de Mal Dizer. In: CORREIA, 1978, p. 136)

2.2 João de Deus

As poesias de João de Deus demonstram um desejo do poeta de libertar-se dos impedimentos impostos pela sociedade para a realização do amor, sendo inseridos em seus poemas elementos da natureza que auxiliam nessa concretização. A natureza, para ele, oferece a pureza de sentimentos, característica essa que está longe das tempestades provocadas pela sociedade.

E quem, se eu fosse uma ave,
Me havia de privar
A mim da luz suave
Daquele seu olhar?
(DEUS, 1982, p. 56)

Apesar de a temática do amor estar relacionado com a natureza, não é visto em João de Deus o amor impossível como tratam os românticos, no qual a mulher é comparada aos seres naturais nunca alcançados, como a lua e estrelas. Nas obras do poeta, no entanto, é retomada a tradição lírica portuguesa no que ela tem de mais belo e sedutor, o idealismo amoroso e a visão da mulher sob um aspecto erótico e sublime.

Como os seus olhos me olhavam,

Como nos meus se apagavam,
E se acendiam depois!
Como é que ali confundidas
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!
(DEUS, 1982, p.24)

Dessa forma, há a valorização da mulher, tanto com o uso de adjetivos utilizados para sublimá-la:

Tu, bela, fresca e linda
Como a aurora, ou mais
Do que a aurora ainda
(DEUS, 1982, p.75)

Ou dando-lhe a voz para que exprima seus próprios sentimentos:

Não sou eu tão tola
Que caia em casar;
Mulher não é rola
Que tenha um só par:
Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra cor,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.
(DEUS, 1982, p. 41)

Observados esses pontos sobre o tema do amor nas poesias de João de Deus, verifica-se o culto da liberdade de amar, exprimindo sentimentos passíveis de concretização carnal.

Também são inseridos elementos religiosos em poemas que tratam do amor, nos quais é rogado a Deus que dê condições para uma vida mais repleta de contentamentos e, assim como nos trovadores medievais, a possibilidade de viver um relacionamento amoroso:

Senhora! Deus vos depare
Um coração que se inflame
Também ao ler o que eu li;
Um coração que vos ame,
Um abraço que vos ampare,
Alma que vos alumie!
E pois sois dada a voar,
Também sustereis no ar,
Bem alto e longe daqui,
Quem vos ame, ampare e guie!
(DEUS, 1982, p. 270)

Assim como João de Deus trabalha o tema do amor e das relações amorosas, também traz questões de ordem social. Nesses poemas, o poeta expressa seu descontentamento e indignação perante as condições das classes mais baixas e a condição de submissão que lhes era imposta pelas classes mais favorecidas:

Trabalhei enquanto pude,

Regando do meu suor
Campos que não eram meus;
Velho e com pouca saúde,
Faltavam-me as forças, senhor,
Peço por amor de Deus!
(DEUS, 1982, p. 276)

3 Considerações finais

Ao refletir sobre os sentidos atribuídos ao amor pelos trovadores medievais, percebo sua influência no imaginário de João de Deus, principalmente ao considerar as cantigas de amigo. Nelas, ficam expressos sentimentos de busca pelo prazer individual, mesmo que seja de difícil alcance, valorizando os sentimentos da natureza humana. Assim também retrata o romântico, que, ao contrário de seus contemporâneos, traz sentidos divinos ao amor e a relação amorosa, tratando-os como elementos que iluminam a alma humana.

Sendo assim, a sensualidade não é vista apenas como relacionada ao pecado, mas como parte que integra os pensamentos da humanidade, que atua no imaginário dos seres humanos como impulso para o alcance do sublime. Para tanto, a mulher torna-se valiosa, colocada como um ser superior e que, como no caso das cantigas de amigo e poemas de João de Deus, ganham voz através deles para proclamar seus sentimentos. Mesmo quando é negado ao poeta o sentimento do amor, ele se rebaixa e se entrega à condição de vassalo. E quando é proibido ao poeta expressar-se, ele apela aos elementos da natureza e a Deus, que podem socorrê-lo para que consiga alcançar a satisfação que tanto deseja.

Ao tratar da sátira, os trovadores medievais utilizam-na para zombar de reis, nobreza e clero, expressando sua indignação perante injustiças feitas aos seus esforços e dedicação à realeza, como no caso dos cavaleiros, e também expressões que revelavam os conflitos entre os estratos sociais. Assim também consideramos João de Deus, que reflete sobre as condições das classes menos favorecidas, que não possuem direito a uma vida mais digna, apesar de seus esforços para tanto.

Referências

BRAGA, Teófilo. *O festival de João de Deus*. Lisboa, Antiga Casa Bertrand – José Bastos. 1905.

CORREIA, Natalia. *Cantares dos trovadores galego portugueses*. Lisboa, s. e., 1978.

DEUS, João de. *Campo de Flores*. V. I. Lisboa: Europa-América. 1982.

FELDKIRCHER, Karin. *Os aspectos do lirismo trovadoresco galego-português*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2010.

MAGALHÃES, Isabel Allegro (Org.). *História e antologia da literatura portuguesa*. Séculos XIII-XIV. A Prosa Medieval Portuguesa II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura, 1997.